

# Soberania na Criação

Hermisten Maia Pereira da Costa

A Bíblia atesta que Deus faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade (Ef 1.11), como lhe agrada (Sl 115.3), como lhe aprouve (Sl 135.6), sendo todos os seus atos livres como são, manifestações do seu soberano poder e da sua infinita sabedoria (Pv 3.19; Rm 11.33).

Jeremias escreve: **“O Senhor fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria, e com a sua inteligência estendeu os céus”** (Jr 10.12). No Livro de Jó lemos: **“Eis que Deus se mostra grande em seu poder!”** (Jó 36.22). A criação é resultado da vontade e do poder criador de Deus, revelando aspectos da sua grandeza (Gn 1.1,26,27; Sl 148.5; Is 44.24; Jr 32.17; Rm 1.20; 4.17; Hb 11.3; Ap 4.11; Rm 4.17; 2Co 4.6; Hb 11.3).

No relato da criação do homem, encontramos o registro inspirado: **“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...”** (Gn 1.26), indicando o decreto trinitário que antecede o tempo e que, agora, se executa historicamente conforme o eternamente planejado: **“Façamos”**. **“É a Trindade quem delibera, sem qualquer intervenção ou consulta feita aos anjos.”**<sup>1</sup>

O “façamos” de Deus é a execução autodeliberada de Deus em criar o homem; deste modo, na criação, em geral, e do homem, em especial, encontramos a concretização precisa do decreto eterno de Deus. O homem é o produto da vontade de Deus. **“Tudo quanto aprouve ao Senhor ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos”** (Sl 135.6). Assim, o homem não foi criado por um insensível acaso, por uma catástrofe cósmica ou por uma complicada mistura de gases e matérias. O homem foi formado por Deus de acordo com a sua sábia e soberana vontade (Gn 2.7; Rm 11.33-36). **“Louvem o nome do Senhor, pois mandou ele, e foram criados”** (Sl 148.5).<sup>2</sup> O poder de Deus **“é a primeira coisa evidente na história da criação (Gn 1.1).”**<sup>3</sup> E a criação do nada nos fala de seu infinito e incompreensível poder.<sup>4</sup>

Davi contemplando a majestosa criação de Deus, escreveu: **“Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste;**

<sup>1</sup> Ernest F. Kevan, Gênesis: In: F. Davidson, ed. **O Novo Comentário da Bíblia**, 2ª ed. São Paulo, Vida Nova, 1976, p. 84.

<sup>2</sup> Como indicativo histórico do conceito judeu referente à criação do mundo como proveniente do nada, citamos o livro apócrifo de Macabeus, que diz: “Suplico-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra e para todas as coisas que há neles, e que penses bem que Deus as criou do nada, assim como a todos os homens.” (2Mac 7.28).

<sup>3</sup> Stephen Charnock, **Discourses upon The Existence and Attributes of God**, 9ª ed. Michigan, Baker Book House, 1989, Vol. II. p. 36.

<sup>4</sup> Cf. Stephen Charnock, **Discourses upon The Existence and Attributes of God**, Vol. II, p. 38.

as suas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem” (Sl 139.14).

Embora a Bíblia não declare o método usado por Deus, a idéia de uma evolução teísta está fora de questão. O texto de Gn 1.26,27 implica a criação do homem não a partir de seres criados, nem como resultado de uma suposta evolução de seres inferiores. O verbo  $\text{סָדַק}$ , usado em Gn 1.26,27, no “Kal” é sempre teológico, apresentando Deus como o sujeito da ação, que do nada, pelo seu poder, faz vir a existência algo novo, que antes não existia (Cf. Gn 1.1; 2.4; Sl 51.12; 102.19; 148.5; Is 41.20; 48.6,7; 65.17, Am 4.13, etc.),<sup>5</sup> contrapondo-se também aos deuses pagãos (Ez 28.13,15).<sup>6</sup>

O homem como criação secundária (em termos de ordem, não de importância), foi formado com maestria e habilidade<sup>7</sup> de matéria previamente criada por Deus (Gn 3.19), entretanto, ele recebeu diretamente de Deus o fôlego da vida (Gn 2.7), passando ao mesmo tempo a ter uma origem terrena e celestial.

Agostinho (354-430), no final do 4º século (c. 395-398), extasiado com a criação de Deus, escreveu de modo poético:

“De que modo, porém, criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como o artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se vós lhe não tivésseis criado a imaginação?

“O artífice impõe a forma à matéria - a qual já existia e já a continha - isto é, à terra, ou à pedra, ou à madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material. Mas donde proviriam estes seres, se os não tivésseis criado? (...). Mas de que modo os fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse

<sup>5</sup> Cf. William Gesenius, **Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament**, 3ª ed. Michigan, WM. Eerdmans Publishing Co. 1978, pp. 138,139; Thomas E. McComiskey: In: R. Laird Harris, ed. **Theological Wordbook of the Old Testament**, 2ª ed. Chicago, Moody Press, 1981, p. 127b; H.H. Esser, Criação: In: Colin Brown, ed. ger. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, I, p. 536; CF. Keil & F. Delitzsch, **Commentary on the Old Testament**, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans (s.d.), Vol. I (Gn 1.1), p. 47; G.L. Archer Jr., **Merece Confiança o Antigo Testamento**, São Paulo, Vida Nova, 1974, p. 208; William G.T. Shedd, **Dogmatic Theology**, 2ª ed. Nashville, Thomas Nelson Publishers, 1980, Vol. I, p. 465-466; A.H. Strong, **Systematic Theology**, 11ª ed. Philadelphia, The Judson Press, 1947, pp. 374-376; Walter C. Kaiser Jr. **Teologia do Antigo Testamento**, São Paulo, Vida Nova, 1980, p. 76; Millard J. Erickson, **Christian Theology**, 13ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book Mouse, 1996, p. 369. Outras características do verbo e seu emprego no A.T. podem ser encontradas em W.H. Schmidt,  $\text{סָדַק}$ : In: Ernst Jenni & Claus Westermann, **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978, Vol. I, pp. 489,490.

<sup>6</sup> W.H. Schmidt,  $\text{סָדַק}$ : In: Ernst Jenni & Claus Westermann, **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, Vol. I, pp. 489. Veja-se também: In: W. Foerster,  $\text{סָדַק}$ : In: G. Kittel & G. Friedrich, eds. **Theological Dictionary of the New Testament**, Vol. III, pp. 1005-1028.

<sup>7</sup> Vd. Derek Kidner, **Gênesis: Introdução e Comentário**, São Paulo, Vida Nova/Mundo Cristão, 1979 (Gn 2.7), p. 57.

existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que vós não criáreis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência?

“Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados (Sl 33.6,9). Vós os criastes pela vossa palavra!

“Mas como é que falastes? (...) Efetivamente, qualquer que seja a substância com que produzistes essa voz, de modo algum poderia existir, se a não tivésseis criado. Mas que palavra pronunciastes para dar ser à matéria com que havíeis de formar aquelas palavras?”<sup>8</sup>

Charnock (1628-1680)<sup>9</sup> observa que o fato de a criação de Deus ter em si a capacidade de se propagar conforme a ordem divina: “**Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves**” (Gn 1.22) – revela o poder do Criador. Deus por sua Palavra cria o mundo e, segundo o exercício deste mesmo poder, capacita às suas criaturas a se propagarem, tornando “o ser humano como co-criador criado”.<sup>10</sup>

**Fonte: *O Pai Nosso*, Hermisten Maia Pereira da Costa, Editora Cultura Cristã, p. 131-133.**

<sup>8</sup> Agostinho, **Confissões**, São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. VI), 1973, XI.5-6, pp. 238,239.

<sup>9</sup> S. Charnock, Discourses upon The Existence And Attributes of God, II, p. 47ss.

<sup>10</sup> Devo esta expressão ao teólogo luterano Philip J. Hefner. No entanto, deve ser observado que o autor emprega a expressão numa acepção distinta da minha. (Vd. Philip J. Hefner, A Criação: In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson, editores, **Dogmática Cristã**, São Leopoldo, RS, Sinodal, 1990, Vol. I.p. 327).